

O novo traje do rei

Há muito, muito tempo, vivia um rei que gostava tanto de se vestir bem que gastava todo o seu dinheiro em trajes; desfiles militares, teatros e passeios no campo só lhe interessavam porque podia então exhibir-se com roupas novas. Para cada hora do dia, tinha ele um traje especial, e assim como dos outros reis se diz frequentemente: "O rei está em conselho", dele se dizia: "O rei está no guarda-roupa".

Na capital do rei, a vida era muito alegre; quase todos os dias chegavam hóspedes estrangeiros, e eis que certo dia apareceram dois embusteiros. Fingiram ser tecelões capazes de fabricar um tecido tão maravilhoso que nada melhor se poderia imaginar: além de um desenho e cores extraordinariamente belos, possuía ainda a propriedade miraculosa de tornar-se invisível para qualquer pessoa que fosse "indigna do seu cargo" ou irremediavelmente tola.

"Sim, eis um vestido como eu preciso!", pensou o rei. "Assim poderei saber qual dos meus dignitários não está no lugar certo, quem é sábio e quem é tolo. Que preparem quanto antes tal tecido para mim!"

E deu aos embusteiros uma grande quantia adiantada, para que começassem imediatamente o trabalho.

Estes montaram dois teares e fingiram trabalhar com afinco, embora nos teares não houvesse absolutamente nada. Sem o menor constrangimento, exigiam para o trabalho seda finíssima e ouro da melhor qualidade, guardavam tudo nos próprios bolsos e continuavam sentados diante dos teares vazios desde manhã até tarde da noite.

"Gostaria de ver como vai o trabalho!", pensava o rei. Mas então lembrava-se da propriedade miraculosa do tecido e sentia-se inquieto. Claro que não tinha nada a temer por si mesmo, mas... talvez fosse melhor que primeiro fosse alguém else! Enquanto isso, a fama do tecido extraordinário espalhara-se por toda a cidade, e todos ardiam em desejo de comprovar quanto antes a tolice e incapacidade do próximo.

"Enviarei lá o meu velho e honrado ministro", pensou o rei, "ele saberá examinar o tecido: é inteligente e ocupa dignamente o seu cargo."

E assim o velho ministro entrou na sala onde os embusteiros estavam sentados diante dos teares vazios.

"Pelo amor de Deus!", pensou o ministro, arregalando os olhos. "Não vejo nada!"

Mas não disse isso em voz alta.

Os embusteiros pediram-lhe respeitosamente que se aproximasse e dissesse o que achava do desenho e das cores. Apontavam para os teares vazios, e o pobre ministro, por mais que arregalasse os olhos, nada via. E nada havia para ver.

"Oh, meu Deus!", pensou ele. "Será possível que eu seja tolo? Isso nunca me passou pela cabeça! Deus me livre se alguém descobrir!... Ou talvez eu não seja adequado para o meu cargo?... Não, não, de modo algum posso admitir que não vejo o tecido!"

— Então, por que não nos diz nada? — perguntou um dos tecelões.

— Oh, é encantador! — respondeu o velho ministro, olhando através dos óculos. — Que desenho, que cores! Sim, sim, informarei ao rei que gostei extremamente do vosso trabalho!

— Estamos à vossa disposição! — disseram os embusteiros e passaram a descrever minuciosamente o padrão e a combinação das cores. O ministro ouviu com muita atenção, para depois repetir tudo ao rei. E foi exatamente o que fez.

Agora os embusteiros exigiam ainda mais seda e ouro, mas apenas enchiam os próprios bolsos; nem um único fio foi usado no trabalho.

Depois, o rei enviou outro dignitário aos tecelões. Com ele aconteceu o mesmo que com o primeiro. Por mais que olhasse, nada viu além dos teares vazios.

— Então, como vos parece? — perguntaram-lhe os embusteiros, mostrando o tecido e explicando padrões que não existiam.

"Não sou tolo", pensou o dignitário, "logo, não estou no lugar certo? Eis uma surpresa! Contudo, não posso dar a entender!"

E passou a elogiar o tecido que não via, admirando-se do desenho maravilhoso e da combinação das cores.

— Encantador, encantador! — relatou ele ao rei. Em breve, toda a cidade falava do tecido maravilhoso.

Finalmente, o próprio rei desejou contemplar a maravilha antes que fosse retirada dos teares. Acompanhado de toda uma comitiva de cortesãos e dignitários escolhidos, entre os quais se encontravam os dois primeiros que já haviam visto o tecido, o rei dirigiu-se aos embusteiros, que teciam com todas as forças diante dos teares vazios.

— Magnifique! (Maravilhoso!) Não é verdade? — exclamaram os dois primeiros dignitários. — Digne-se admirar! Que desenho... que cores!

E apontavam com os dedos para o espaço, imaginando que todos os demais viam o tecido.

"O quê, o que é isto?", pensou o rei. "Não vejo nada! Isto é terrível! Serei tolo? Ou não sirvo para ser rei? Isso seria o pior de tudo!"

— Oh, sim, muito, muito bonito! — disse finalmente o rei. — Merece plenamente a minha aprovação!

E acenava satisfeito com a cabeça, examinando os teares vazios: não queria confessar que nada via. A comitiva do rei olhava atentamente, mas não via mais do que ele próprio; nevertheless, todos repetiam em uníssono: "Muito, muito bonito!" — e aconselhavam ao rei que mandasse fazer com esse tecido um traje para a próxima procissão solene.

— Magnifique! Maravilhoso! Excellent! (Excelente!) — só se ouvia de todos os lados; todos estavam extasiados!

O rei condecorou cada embusteiro com uma ordem e nomeou-os tecelões da corte.

Durante toda a noite anterior à festa, os embusteiros permaneceram trabalhando e queimaram mais de dezesseis velas — tanto se esforçavam para terminar a tempo o novo traje do rei. Fingiam retirar o tecido dos teares, cortá-lo com grandes tesouras e depois costurá-lo com agulhas sem linha.

Finalmente, anunciaram:

— Está pronto!

O rei, acompanhado da sua comitiva, veio pessoalmente vestir-se. Os embusteiros erguiam as mãos como se segurassem alguma coisa, dizendo:

— Aqui estão as calças, aqui está o colete, aqui está o casaco! Um traje maravilhoso! Leve como uma teia de aranha, e nem se sente no corpo! Mas nisso reside toda a graça!

— Sim, sim! — diziam os cortesãos, mas nada viam: pois nada havia para ver.

— Digne-se agora despir-se e ficar aqui, diante do grande espelho! — disseram os embusteiros ao rei. — Vestir-vos-emos!

O rei despiu-se, e os embusteiros começaram a "vestir"-no: fingiam colocar nele peça após peça de roupa e, finalmente, prendiam algo sobre os ombros e na

cintura: estavam "colocando" nele o manto real! Enquanto isso, o rei girava diante do espelho em todas as direções.

— Meu Deus, como lhe cai bem! Como assenta perfeitamente! — sussurravam na comitiva. — Que desenho, que cores! Um traje luxuoso!

— O baldaquino aguarda! — anunciou o mestre de cerimônias.

— Estou pronto! — disse o rei. — O traje assenta bem?

E girou mais uma vez diante do espelho: era necessário mostrar que examinava atentamente o seu traje.

Os camareiros, que deveriam carregar a cauda do manto real, fingiram levantar algo do chão e seguiram atrás do rei, estendendo as mãos à frente — não ousavam sequer dar a entender que nada viam.

E assim o rei desfilou pelas ruas sob o luxuoso baldaquino, enquanto o povo dizia:

— Ah, que traje! Que manto luxuoso! Como assenta perfeitamente! Ninguém confessou que nada via: ninguém queria passar por tolo ou incapaz. Sim, nenhum traje do rei jamais provocara tantos entusiasmos.

— Mas ele está completamente nu! — gritou de repente um menino pequeno.

— Ah, escutem o que diz este inocente criança! — disse o pai dele, e todos começaram a sussurrar uns aos outros as palavras da criança.

— Mas ele está completamente nu! — gritou finalmente todo o povo.

E o rei sentiu medo: parecia-lhe que tinham razão, mas era necessário levar a cerimônia até o fim!

E assim avançou sob o seu baldaquino ainda mais majestosamente, enquanto os camareiros seguiam atrás dele, sustentando a cauda que não existia.